

Mediação Tecnológica na Educação: Os Aportes Teóricos e Práticos da Educomunicação para a Educação a Distância



Marciel Aparecido Consani

Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

* Autor para correspondência: mconsani@usp.br

RESUMO

Desde que os computadores foram introduzidos na educação e, principalmente, com a disseminação da internet nas escolas, diversas abordagens teóricas e práticas passaram a orientar o trabalho dos educadores nas interfaces entre Tecnologia, Mídia e Educação. O momento atual reflete as contradições – mas também a convergência – entre várias concepções, as quais podem buscar se afirmar hegemonicamente ou estabelecer pontes interdisciplinares e transversais entre si. O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP) – cujo objeto de estudo central é o campo da Educomunicação – tem oferecido uma contribuição substancial no desenvolvimento do conceito da Mediação Tecnológica na Educação (MTE), o qual se apoia, principalmente, no referencial teórico de autores da área da Comunicação – Martín Serrano, Jesus Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez – e na pedagogia de Vygotsky e Paulo Freire. Com base em estudos acadêmicos aliados a programas de formação de professores, o NCE vem consolidando uma abordagem inovadora na gestão comunicacional das mídias e tecnologias em sala de aula. O objetivo de nossa análise é apresentar um breve apanhado desses aportes teóricos e práticos baseados no conceito da MTE em contextos educacionais da realidade brasileira, com destaque para a educação a distância na formação de educadores e de alunos da licenciatura em Educomunicação. Para embasar a lógica de nossa argumentação, recorreremos à apresentação de exemplos vivenciados em primeira mão por este pesquisador e proponente, à luz dos conceitos defendidos pelo NCE-ECA/USP.

Palavras-Chave: Mediação Tecnológica; Educomunicação; Escola Pública; Educação Mediática; Formação Docente.

ABSTRACT

Since computers were introduced in education environments, and especially with the spread of internet in schools, several of theoretical and practical approaches have come to guide the work of educators at the interfaces between technology, media and education. The Center for Communication and Education of the School of Communication and Arts of the University of São Paulo (NCE-ECA/USP) – whose central object of study the field of Educational Communication – has offered a substantial contribution to the development of the concept of Technological Mediation in Education (MTE), which relies mainly on the theoretical framework of authors in the area of Communication - Martín Serrano, Jesus Martín-Barbero and Guillermo Orozco Gómez – and in the pedagogy of Vygotsky and Paulo Freire. Based on academic studies allied to teacher training programs, the NCE has been consolidating an innovative approach in communicational management of media and technologies in the classroom. The aim of our analysis is to present a brief overview of these theoretical and practical contributions based on the concept of the MTE in educational contexts of the Brazilian reality, especially for distance education in the training of educators and students of the degree in Educommunication. To support the logic of our argument, we turn to the presentation of examples experienced firsthand by this researcher and proponent to the concepts advocated by the NCE-ECA / USP.

Keywords: Technological Mediation; Educommunication; Public School; Media Education; Teacher Training.

Introdução

Após os três anos que consumi para concluir a dissertação *O Uso dos Softwares na Educação Musical: Modalidade Percepção*, eu já me ressentia bastante da

falta de perspectivas conceituais que os autores clássicos dos campos da Arte e da Educação pareciam oferecer frente ao *tsunami* das mídias digitais. Por outro lado, autores valorizados nestes últimos

temas, como Lévy (1993) e Castells (2003), se atinham a análises cuja especificidade, a meu ver, não atendia às necessidades práticas invocadas por artistas e professores de artes no mundo do trabalho e mesmo na sociedade.

A solução foi adentrar um território até então absolutamente desconhecido para mim: o da Educomunicação, a qual “é essencialmente uma *práxis* social originada em paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TIC [...] no ensino” (SOARES, 2011, p. 13).

O acesso a essa abordagem epistemológica diferenciada e a seus múltiplos referenciais resultou na tese de doutorado *Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e Aplicações* (Consani, 2008), defendida junto ao CCA-ECA/USP¹ em 2008.

Deste ponto em diante, esta narrativa deixa de lado o foco na minha trajetória pessoal e profissional/acadêmica para tratar de mudanças na relação tecnologia/educação tais como são entendidas pelo viés dos estudos educacionais.

Dividimos este breve relato em três partes, sendo que a primeira – “Educação e Tecnologia: Proximidade e Tensão” – apresentará a problemática inicial que contrapõe o papel social das instituições educadoras ao da tecnologia, ou, melhor dizendo, ao imaginário a ela associado.

A parte 2, intitulada “Do Conceito de Mediação à Mediação Tecnológica na Educação”, pretende traçar um percurso conceitual que liga a pedagogia sociointeracionista (Vygotsky, 1999) à Educomunicação, passando pelos estudos relacionados com a Teoria das Mediações.

Em “Da Mediação Tecnológica à Mediação Educomunicativa”, terceira seção deste artigo, ressaltamos as contribuições que os estudos educacionais já produziram no debate e na aplicação de novas metodologias didáticas, oferecendo como exemplos ilustrativos as práticas desenvolvidas no âmbito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com destaque para aquelas registradas nas ações de extensão do NCE-ECA/USP².

Ao final, mencionaremos com brevidade algumas das perspectivas apontadas no âmbito das reflexões aqui desenvolvidas.

Educação e Tecnologia: Proximidade e Tensão

Tomemos a afirmação abaixo, extraída de *O Homem Tecnológico*, obra seminal do “futurólogo” Victor C. Ferkiss:

O que é verdadeiro para os meios de comunicação em massa é também verdadeiro para o sistema educacional. A despeito de desenvolvimentos tais como o das máquinas que ensinam e das conferências pela televisão, a educação não se modificou fundamentalmente pelo progresso tecnológico neste século. A maioria das crianças na sociedade moderna está sendo treinada pelos mesmos métodos e, na maioria dos casos, é-lhes dada a mesma visão de mundo de há uma geração passada. A modernidade penetra, se é que penetra, apenas através dos meios de comunicação em massa. (FERKISS, 1976, pp. 154-155)

Malgrado os quarenta e seis anos que nos separam da fala desse autor³, sentimo-nos tentados a contextualizar essa afirmação em nossa contemporaneidade. Entretanto, existem algumas demarcações que devemos estabelecer antes de corroborar ou contestar a atualidade daquele juízo.

Primeiro, o que se chamava de “meios de comunicação em massa”, no final dos anos 1960, é mais conhecido, no campo da comunicação como “mídia”, ou, com certa redundância como “mídias”, já que o latim *media* originou o inglês *media* que, apesar da grafia homônima, lhe é heterófono.

Em apoio a Ferkiss, podemos citar autores bem mais recentes que escreveram sobre pedagogia e ainda se referem à(s) Mídia(s) como meios de massa:

Com o advento da “indústria cultural” e dos *mass media* produziu-se uma verdadeira e própria revolução pedagógica, talvez uma das mais fundamentais de nosso tempo, que justamente no segundo pós-guerra manifestou-se em

toda a sua potência, de difusão e de incidência. Os chamados “persuasores ocultos” ocuparam uma posição cada vez mais ampla na formação do imaginário coletivo, influenciando diretamente sobre a consciência pessoal de cada indivíduo, sobre seus níveis de aspiração, sobre seus gostos, comportamentos, consumos, chegando a regular em larga medida a sua identidade e, portanto, também a das massas. (CAMBI, 1999, p. 630).

O contraponto histórico aqui alinhavado revela, no mínimo, uma proximidade e uma tensão. A proximidade consiste no reconhecimento de que a mídia, como linguagem e tecnologia, já é parte indissociável dos contextos educativos, quer esteja integrada (com variados graus de propriedade e competência) aos projetos didáticos e pedagógicos, quer se insinue à revelia destes, “contrabandeada” pelos alunos em seus telefones celulares e, na falta destes, em seu referencial cultural e imaginário.

O aspecto mais evidente de tensão pode ser enxergado no olhar precavido e, até certo ponto, alarmista que essa penetração midiática desperta nos meios educacionais. O binômio tecnologia-mídia, nesse caso, caracteriza-se como um elemento que foge ao controle de filtragem que as escolas (assim como outras instituições formadoras/educadoras) usualmente adotam em relação aos conteúdos e fluxos de informação que nelas circulam.

Ainda hoje, podemos constatar um hiato de conceituação entre aqueles que entendem a tecnologia educacional partindo dos referenciais técnicos/tecnológicos e aqueles que se baseiam no campo de conhecimento da Pedagogia. No caso do primeiro grupo, existe ainda um uso impreciso do termo “tecnologias”, o qual, mesmo precedido pelo adjetivo “Novas” ou secundado pelo adjunto “da Informação e da Comunicação” (configurando a anódina expressão “TIC”), não denomina um campo ou área de conhecimento específicos, situando-se num terreno nebuloso entre a Ciência de Informação e a Engenharia de Sistemas.

Do ponto de vista dos pedagogos, parece, às vezes, que a maior parte das preocupações está

voltada para a aplicação dessas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem, deixando de lado a discussão ontológica sobre *o que é a tecnologia* e outros pontos fulcrais, sob a justificativa de que são assuntos puramente “técnicos”.

Essa dicotomia não passou despercebida quando nos propusemos a buscar uma abordagem alternativa para contextualizar o emprego das linguagens midiáticas na educação pelo viés de uma *práxis* relacional. Dentro do paradigma educacional, este objeto de estudo corresponde à interface social da Mediação Tecnológica na Educação, a qual se caracteriza como uma área de intervenção que

[...] preocupa-se com os procedimentos e as reflexões sobre a presença das tecnologias da informação e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, garantindo, além da acessibilidade, as formas democráticas de sua gestão [...]. Esta área aproxima-se das práticas relacionadas ao uso das TIC, sempre entendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos. (SOARES, 2011, p. 48).

Este objeto de estudo, central em nosso interesse, recebeu uma reconstrução ontológica e epistemológica em nossa já mencionada tese de doutorado. Antes de detalharmos esta contribuição, no entanto, abordaremos sucintamente a relação entre comunicação e tecnologia pelo viés da Teoria das Mediações.

Do Conceito de Mediação à Mediação Tecnológica na Educação

Muito embora o termo *mediação* remonte a Aristóteles e tenha sido utilizado por filósofos dos séculos XVII e XVIII, sua popularização, particularmente intensa a partir de meados do século XX (e que não parece diminuir), se deve bastante à sua apropriação por diferentes gerações de pensadores marxistas – tais como o próprio Marx, Lenin e Raymond Williams – com base na obra de G. W. F. Hegel (BOTTOMORE, 1988, p. 263).

Investigando a relação entre a comunicação e a tecnologia, é impossível não considerar a contribuição de Martín-Barbero (2003)⁴, quando propõe a primeira como nada menos que o centro de uma reconstrução do conceito de cultura:

[...] na redefinição de cultura, é fundamental a *compreensão de sua natureza comunicativa*. Isto é, seu caráter de processo produtor de significações e não de mera circulação de informações, no qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 299).

Ora, entendemos que todos os processos sociais que são inerentes tanto à tecnologia quanto à educação estão circunscritos no âmbito da cultura, de modo a se influenciarem pelas dinâmicas comunicacionais nela envolvidas.

Tal entendimento relativiza bastante qualquer suposta preponderância que a tecnologia pudesse reivindicar no desenvolvimento de processos pedagógicos, seja na hipótese sugerida pela abordagem informacional (pensemos nas “máquinas de ensinar”), quanto na condição de “auxílio didático” que a pedagogia, acreditando em sua neutralidade, muitas vezes, lhe confere.

O desenvolvimento do conceito educacional de mediação também se beneficia da contextualização promovida por Orozco-Gómez (1994): num esforço para resgatar a mediação para o terreno da recepção televisiva, ele propôs entendê-la como um “‘processo estruturante’ que configura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles do sentido dessa interação” (OROZCO-GÓMEZ, *op. cit.*, p. 74).

No que tange ao campo da educação, uma das primeiras referências que podemos encontrar ao papel da mediação nos processos educativos está presente nos escritos de L. S. Vygotsky, identificado com aquilo que representa a verdadeira chave para entender sua teoria sociointeracionista: o uso da linguagem.

A ênfase primária de Vygotsky ao examinar o processo de mediação recaía sobre os sistemas de signos usados na comunicação humana, especificamente no discurso. A esse respeito é fundamental ter em mente que o objeto de sua análise era a atividade comunicativa humana, ou o discurso, não a linguagem entendida como um sistema de uso abstrato. (WERTSCH, 1996, p. 110).

A ideia da mediação no processo educativo reaparece, reinterpretada, na obra capital de Paulo Freire, em sua mais célebre passagem: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1992, p. 68). Aqui, apesar do vocábulo um tanto alterado, podemos entender que a *mediatização* equivale a uma forma de mediação operada no âmbito social.

Do ponto de vista específico da Educomunicação, a mediação só pode existir quando exercida por um agente mediador, o que esvazia de sentido expressões como “mediada por computador” ou “mediado por tecnologias”, comumente aplicadas aos processos comunicacionais ou educacionais.

Muitas das afirmações aqui apresentadas se baseiam em nossa investigação de doutorado, cuja tese final incluía, além da reconstrução etimológica e histórica do termo *mediação*, um estudo comparativo de duas diferentes categorizações da interface educação/tecnologia: (a) abordagens tecnologicamente orientadas; e (b) abordagens pedagogicamente orientadas. Naquele contexto, cabia pensar numa “terceira via”, uma abordagem orientada pela comunicação.

O ponto de partida da pesquisa foi a detecção de que a Mediação Tecnológica na Educação era um conceito central para a Educomunicação, faltando-lhe, porém, a consistência e a clareza necessárias para se constituir numa referência significativa e epistemologicamente confiável. Assim, buscamos, antes de tudo, definir um sentido preciso para a expressão MTE, no afã de validar e legitimar o seu uso para a ampliação e o fortalecimento do quadro teórico que sustenta a Educomunicação.

Como conclusões decorrentes daquele trabalho, podemos apontar a constatação de que aquilo que a Educomunicação chama de *mediação* já é, de fato, uma resignificação do próprio conceito original. Este já se apresentaria reformado dentro de um novo programa e embasado numa vasta gama de vivências práticas em projetos de intervenção social e de formação docente.

Da Mediação Tecnológica à Mediação Educomunicativa

A discussão até aqui desenvolvida afirma o caráter teórico da mediação tecnológica, o qual, por sua vez, é tributário da hipótese de que a Educomunicação não é apenas um conjunto de práticas empíricas frouxamente amarradas e apresentadas sob o rótulo de um “novo paradigma”.

Todo este esforço epistemológico para atribuir significado a determinadas práticas sociais detectadas na interface entre comunicação e educação só faz sentido quando orientado por uma intencionalidade transformadora.

Em nossa visão, pode-se falar, criticamente, de formas de comunicação e de educação utilizadas para ajudar a construir uma sociedade mais plural e democrática ou, na mão contrária, para garantir a manutenção do *status quo* hegemônico em uma sociedade competitiva e excludente.

Entretanto, quando nos referimos à educomunicação, só julgamos admissível a primeira possibilidade: em suma, se não é transformadora, nem democrática, a *práxis* de que falamos não pode ser considerada educomunicativa. Assim “é preciso criar novos modelos de relação pedagógica e comunicativa para que os adultos ensinem não o que os jovens devem aprender, mas como fazê-lo; e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso” (SOARES, 2011b, p. 24).

A aplicação das estratégias de Mediação Tecnológica na Educação pode ser mapeada em duas frentes distintas: (a) os projetos de extensão universitária desenvolvidos pelo NCE-ECA/USP junto ao governo brasileiro e outras parcerias; (b) as atividades de formação dos educadores no curso do CCA-ECA/USP.

Os projetos desenvolvidos pelo NCE podem ser considerados marcantes, em primeiro lugar, por haverem, no Brasil, redefinido a tendência das intervenções educacionais que ocorriam quase sempre de forma pontual nos espaços educativos do terceiro setor, como ONGs e outras organizações da sociedade civil. Depois de projetos de grande monta como *Educom. TV, Educom.Rádio e Formação Continuada em Mídias na Educação*, realizados em parceria com as instâncias de governo da cidade e do estado de São Paulo e também do governo federal, a maior parte das ações envolvendo educadores se insere no âmbito das políticas públicas para a educação.

Essa mudança substancial gerou uma demanda por profissionais de educação⁵, forte o bastante para justificar a implantação, no ano de 2010, de uma licenciatura específica para formar educadores e alimentar a pesquisa acadêmica com a prática reflexiva dessa abordagem pedagógica em suas diversas vertentes.

Estamos assim, como analisam os pesquisadores do NCE [...] diante de um processo, de um *modus operandi* capaz de inaugurar posturas teóricas e práticas que se situam para além das tradicionais paredes paradigmáticas, reconceituando a relação entre comunicação e educação e direcionando-a para uma educação cidadã emancipatória. O que esperamos é que seja forte para romper com a narrativa dominante de uma cidadania associada meramente ao consumo (SOARES, 2011b, p. 25).

No CCA-ECA/USP, a pesquisa especulativa no âmbito da interface comunicação/educação está intimamente relacionada com as práticas desenvolvidas da mencionada licenciatura em Educomunicação, um curso com duração de oito semestres voltado para a formação de profissionais para atuarem em três frentes: (1) na educação formal, em escolas do sistema de ensino público e privado; (2) na educação não formal, isto é, nas organizações não governamentais; e (3) na

educação informal, em atividades ligadas à produção de mídias com intencionalidade educativa.

No recorte específico da EaD, o curso dedica dois semestres inteiros às disciplinas correlatas CCA0304 e CCA0305, respectivamente denominadas Procedimentos Educomunicativos na Educação a Distância I e II. Na sequência, relataremos alguns pontos marcantes no âmbito das duas disciplinas, buscando evidenciar os diferenciais da abordagem educacional.

EaD na Licenciatura do CCA-ECA/USP: Aportes Teórico-Práticos da Educomunicação

Nas duas disciplinas de EaD da Licenciatura em Educomunicação da ECA-USP, procura-se desconstruir a percepção, geralmente equivocada (e compartilhada por muitos), de que a educação *on-line* é uma modalidade de ensino que resulta em cursos de baixo custo e qualidade duvidosa.

A fim de estabelecermos parâmetros consistentes para esta discussão, reservamos metade do semestre para o estudo coletivo e colaborativo das correntes pedagógicas mais influentes na educação e da EaD⁶. A dinâmica preferencial desta etapa é a realização de seminários em grupo e sala de aula invertida.

Tendo assegurado o substrato necessário para orientar as discussões iniciais em EaD, a etapa seguinte consiste na vivência empírica da mediação a distância por meio de seminários temáticos *on-line* protagonizados pelos alunos.

Assim, o restante do conteúdo semestral é dedicado para a vivência empírica envolvendo as diferentes ferramentas de interação *on-line*, desde aquelas baseadas em texto – *e-mail*, *chat* e fórum – até aquelas que exploram de forma independente ou combinada as diferentes linguagens audiovisuais: *podcasting*, audioconferência, tele e videoconferência.

O encerramento do semestre é pautado por uma combinação de avaliações cruzadas e autoavaliações que tem por objeto as atividades conduzidas em grupo.

A disciplina CCA0305 (EaD II) é entendida como a segunda metade de um mesmo curso,

centrado na abordagem educacional na EaD. Esta etapa específica é dedicada à elaboração de cursos a distância alinhados aos pressupostos defendidos pela educomunicação. Ela se inicia, em regra, com a discussão dos aspectos específicos da avaliação *on-line*, materializados na proposta de cada aluno avaliar criticamente um curso *on-line* do qual haja participado.

Após este trabalho inaugural, outros conteúdos são aprofundados e sistematizados, geralmente envolvendo o design instrucional e seus subtemas, sendo (1) a abordagem pedagógica, (2) a abordagem tecnológica e (3) a abordagem administrativa (gestão do conhecimento).

Quanto aos aspectos práticos, desde este ponto até o final do semestre, a sistemática do trabalho envolve o levantamento diagnóstico de demandas, o dimensionamento de recursos disponíveis, o planejamento da produção, a criação do projeto e de conteúdos e a disponibilização de uma aula-piloto na internet.

Como avaliação final, tanto os projetos em versão integral, quanto as aulas-piloto elaboradas pelos grupos são apreciados por bancas constituídas por convidados indicados pelos alunos e pelo professor, visando a equilibrar, nessa composição, perfis que enfatizem a competência técnica dos arguidores (pedagogos, *designers*, gestores de informação) e sua relação direta com as temáticas abordadas pelos cursos.

Considerações Finais

O acompanhamento da formação de educadores, beneficiada pelas vivências empíricas e pela produção acadêmica que a elas se dedica, propicia a renovação de saberes e a legitimação metodológica da educomunicação, consolidando-a como área de pesquisa e intervenção social promovida no âmbito das políticas públicas.

Amparados nessa base prática e teórica, acreditamos poder, a esta altura, renomear a MTE como “mediação educacional”.

Embora o conceito de mediação possa ainda sofrer mutações ao longo da história, principalmente pelo surgimento de novas formas de

interação (imersivas, transmidiáticas) de novos sujeitos mediadores – coletivos, avatares, inteligências artificiais –, podemos afirmar, com razoável certeza, que o paradigma educacional já oferece contribuições concretas para o entendimento e o emprego de estratégias mediadoras.

O deslocamento da *práxis* educativa das tecnologias para as linguagens midiáticas e destas para o que chamamos de ecossistemas comunicacionais (Soares, 2011, p. 43) enseja mudanças significativas na interface comunicação/educação sobre as quais procuramos contribuir com este breve aporte.

Notas

1 Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

2 O Núcleo de Comunicação e Extensão da ECA/USP constituiu-se no ano de 1998 com a proposta de aprofundar os estudos da interface comunicação/educação e estabelecer projetos educacionais em parceria com diversos atores sociais.

3 A publicação original da obra, nos Estados Unidos, data de 1969.

4 Por sua vez, vários aportes presentes na obra de Martín-Barbero dialogam diretamente com Manuel Martín Serrano, principalmente com *La Mediación Social* (SERRANO, 1986), que estabelece uma espécie de “ponte” entre a sociologia e os estudos da comunicação.

5 Para ficar num único exemplo, mencionamos a Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, que conta com um marco legal bastante avançado para a implementação de projetos educacionais nas escolas: a Lei Educom, de n. 13.941, desde 28 de dezembro de 2004 (SÃO PAULO, 2015).

6 Breve História da Pedagogia, Educação Laica, Psicopedagogia, Construtivismo, Sociointeracionismo, Pedagogia Freiriana, Pedagogia de Projetos e novas abordagens em educação são alguns desses temas.

Referências Bibliográficas

BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CAMBI, Francesco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CONSANI, M. A. *Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e Aplicações*. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27042009-115431/es.php>>. Acessado em 10 mar. 2015.

FERKISS, Victor C. *O Homem Tecnológico: Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. *Televidencia: Perspectivas para el Análisis de los Procesos de Recepción Televisiva*. México: Universidad Iberoamericana 1994.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal, Lei 13.941 de 28 de Dezembro de 2004. Disponível em: <http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=29122004L%20139410000%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&secc=&depto=&descr_tipo=LEI>. Acessado em 20 mar. 2015.

SERRANO, Manuel M. *La Mediación Social*. Madrid: Ediciones Akal, 1986.

SOARES, Ismar de O. *Educomunicação: o Conceito, o Profissional, a Aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. “Educomunicação: um Campo de Mediações”. In: CITELLI, A. O. & COSTA, M. C. C. *Educomunicação: Construindo uma Nova Área de Conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011b.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WERTSCH, James V. “A Voz da Racionalidade em uma Abordagem Sociocultural da Mente”. In: MOLL, Luis C. (org.). *Vygotsky e a Educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996, pp. 107-121.

Publicado em 12/06/2018.